"Ao não conseguir ler mensagens em Tóquio, nutri mais compaixão pelos analfabetos que chegavam a Londres ou Paris no século XVIII!"

1 Parafraseando trecho de poema de Manoel de Barros que integra o temário do 17º Cole, como é possível "transver" o mundo?

2 Qual o papel da leitura no mundo contemporâneo?

3 Qual o impacto da internet e das novas tecnologias na difusão da leitura?

(Continuação da página 7)

PETER BURKE

1 Parece-me que estamos atravessando uma era de transição, como podemos ver, pelo crescente modismo, em diversas línguas, do uso de palavras iniciadas com "trans". E ocorrem-me os termos "transferência" (como em "transferência de tecnologia"), "translation" (tradução em inglês), inclusas aí a tradução cultural, bem como a interlingual (ou tradução translingual), e também "transculturação" e o "transacionalismo"; na área de ciências sociais, penso no interesse pela "transdisciplinaridade", por vezes descrita como uma "transgressão" (o que, literalmente, significa "atravessar", "transpor").

Retornando ao poema e ao enaltecer do poeta à imaginação – apesar de não conseguir traduzir com facilidade "transver" (visão por certo ângulo?) –, realmente parece-me que, hoje, têm sido desenvolvido sérios esforços para olhar o mundo de um novo modo.

Tais esforços estão ligados a nossa era dos "pós" – "pós-moderno", posto que ela é "pós-colonial", "pós-nacional" e pós-socialista", ao menos sob certos aspectos. Não é por acaso que a "pós-modernidade" é frequentemente descrita ou definida em termos de viagem, fluxo, liquidez, transposição de fronteiras e limites de diversas espécies.

2 Dar uma resposta séria para esta questão demanda uma pesquisa comparativa, a qual não realizei, mas, claro, posso transmitir minhas impressões pessoais. Considerando que passo boa parte de meu tempo em cidades onde é dada grande importância ao sistema de transporte público, como em Londres, Nova Iorque e Paris, vejo, frequentemente, pessoas lendo livros, jornais e revistas a caminho do trabalho em (quase sempre) longos trajetos em trens, ônibus e metrô.

Ainda que essas pessoas não lessem nada em outras ocasiões, a carga horária que dedicam à leitura diária é substancial! Em cidades como São Paulo, onde um número maior de pessoas vai de carro para o trabalho, elas ouvem ao invés de ler – pelo menos espero; em outras palavras, há variações relevantes na resposta à sua pergunta. Outro aspecto refere-se à urbanização.

O mundo está cada vez mais urbanizado e viver em grandes cidades requer a leitura de vários tipos de sinalização. Lembro-me claramente caminhando pelas ruas de Tóquio vinte anos atrás, consciente de estar cercado de sinais, e de que suas mensagens seriam de grande importância de ordem prática ("não cruze a rua neste ponto", talvez) ao mesmo tempo em que não conseguia lê-las. Comecei, então, a nutrir mais compaixão pelos analfabetos que chegavam a Londres ou Paris no século XVIII!

3 Novamente, tenho que recorrer às minhas impressões e falar com base em minha limitada experiência pessoal. Tanto quanto posso observar, os *e-books* não são importantes, podendo, não obstante, virem a sê-lo no futuro. Por outro lado, os jornais *on-line* estão superando em popularidade aqueles que têm o papel como suporte.

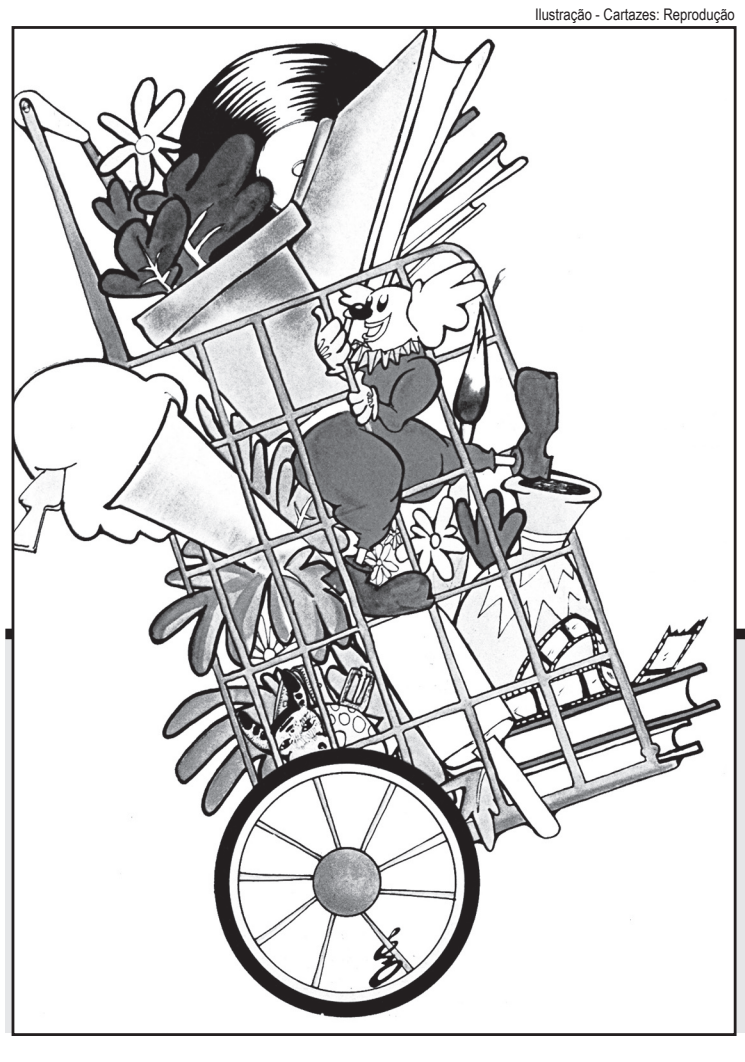
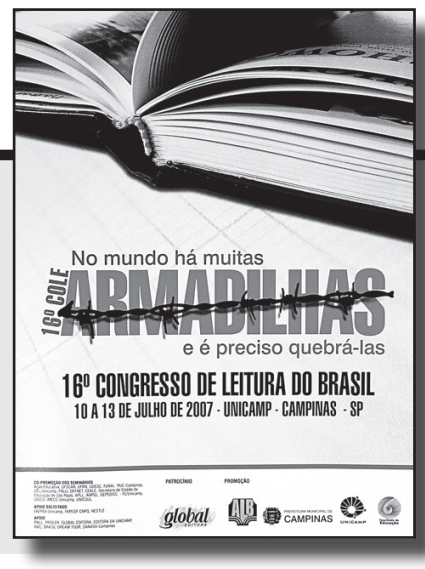
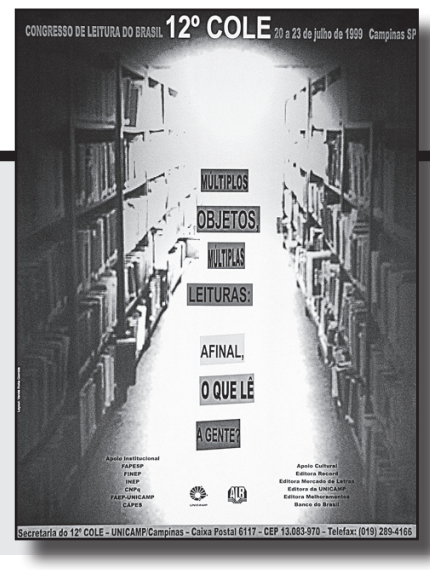
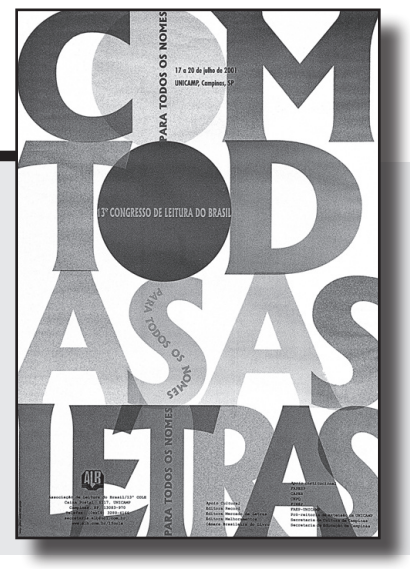
Pensando em termos de futuro, podemos observar crianças (no meu caso, dois netos que moram perto de nós e nos visitam quase todos os dias) que cresceram com a internet. Marco, especialmente, aos 9 anos, usa a internet todos os dias. Ele é particularmente fascinado pelo Google Earth. Mas, procurando ser mais abrangente, parece-me ser extremamente significativo que crianças como Marco estão sendo incentivadas em suas escolas, ao menos aqui na Inglaterra, a realizar pesquisas na internet como parte de seus deveres (com tarefas tais como "pesquise ´vespa´ e escreva cinco aspectos a seu respeito" – este é um exemplo real da semana passada).

As crianças estão, portanto, desde muito cedo, praticando uma forma específica de leitura – e há vários nomes para isso em inglês – que minha geração aprendeu consideravelmente mais tarde, aos 16 anos, no mínimo, ou ao ingressar na universidade, aos 18. Não vejo a internet como uma ameaça à leitura, porém pode sê-la para um determinado estilo de leitura: do começo ao fim do texto, "de capa à contracapa"; como bem pode ser um incentivo positivo a uma leitura feita de modo diferente.

Foto: Antonio Scarpinetti

Participantes do 16º Cole na Feira de Leitura e Arte, que na edição deste ano vai reunir 50 editoras no Ginásio Multidisciplinar

Ilustração - Cartazes: Reprodução



Cartazes de edições anteriores do Cole: a leitura no centro do debate